

ANNE JACOBS

REENCONTRO
na
VILA
DOS
TECIDOS

TRADUÇÃO
Ana Pinto Mendes

 Planeta

Os residentes da Vila dos Tecidos

A FAMÍLIA MELZER

Johann Melzer (*1852-1919), fundador da fábrica de tecidos Melzer

Alicia Melzer (*1858), Maydorn de solteira, viúva de Johann Melzer

OS FILHOS DE JOHANN E ALICIA MELZER E RESPETIVAS FAMÍLIAS

Paul Melzer (*1888), filho de Johann e Alicia Melzer

Marie Melzer (*1896), Hofgartner de solteira, mulher de Paul

Melzer, filha de Luise Hofgartner e Jakob Burkard

Leopold, tratado por Leo (*1916), filho de Paul e Marie Melzer

Dorothea, tratada por Dodo (*1916), filha de Paul e Marie Melzer

Kurt, tratado por Kurti (*1926), filho de Paul e Marie Melzer

Elisabeth Winkler, tratada por Lisa (*1893), Melzer de solteira,
divorciada de Klaus von Hagemann, filha de Johann e Alicia
Melzer

Sebastian Winkler (*1887), segundo marido de Lisa Winkler

Johann (*1925), filho de Sebastian e Lisa Winkler

Hanno (*1927), filho de Sebastian e Lisa Winkler

Charlotte (*1929), filha de Sebastian e Lisa Winkler

Katharina Scherer, tratada por Kitty (*1895), Melzer de solteira,
viúva de Alfons Bräuer
Alfons Bräuer (*1886-1917), primeiro marido de Kitty Scherer
Henriette (*1916), tratada por Henny, filha de Kitty Scherer e Alfons
Bräuer
Robert Scherer (*1888), segundo marido de Kitty Scherer

OUTROS PARENTES

Gertrude Bräuer (*1869), viúva de Edgar Bräuer
Tilly Kortner (*1896), Bräuer de solteira, filha de Edgar e Gertrude
Bräuer
Ernst von Klippstein (*1891), ex-marido de Tilly Kortner
Elvira von Maydorn (*1860), cunhada de Alicia Melzer, viúva
de Rudolf von Maydorn
Gerti von Klippstein (*1902), Koch de solteira, mulher de Ernst
von Klippstein

OS EMPREGADOS DA VILA DOS TECIDOS

Fanny Brunnenmayer (*1863), cozinheira
Else Bogner (*1873), criada de quartos
Maria Jordan (*1882-1925), antiga camareira
Hanna Weber (*1905), criada para todo o serviço
Humbert Sedlmayer (*1896), lacaio
Christian Torberg (*1916), jardineiro
Gustav Bliefert (*1889-1930), jardineiro
Auguste Bliefert (*1893), camareira
Liesl Torberg (*1913), Bliefert de solteira, ajudante de cozinha,
filha de Auguste Bliefert
Maxl (*1914), filho de Auguste e Gustav Bliefert
Hansl (*1922), filho de Auguste e Gustav Bliefert
Fritz (*1926), filho de Auguste e Gustav Bliefert

Parte I

Abril de 1939

A silhueta da Estátua da Liberdade encolheu-se, ao longe, e pouco depois era apenas um ténue traço cinzento no horizonte, até que, por fim, desapareceu inteiramente no meio da névoa. O *Bremen* rumou para o Atlântico, as vagas tornaram-se mais imponentes. O navio subia e descia e sentia-se a maquinaria a trabalhar a todo o vapor.

– Agora nunca mais vamos voltar a ver a mamã? – perguntou Kurt, de treze anos, em pé ao lado de Paul junto à amurada, de olhos postos onde ainda minutos antes a cidade de Nova Iorque e a linha de costa haviam desvanecido.

– É claro que a voltamos a ver, meu pequeno pateta – respondeu Dodo, antes de Paul ter a oportunidade de se decidir a responder. – No ano que vem vimos outra vez visitá-la a Nova Iorque. Se calhar até antes disso.

– Para o ano que vem ainda falta uma eternidade...

– Vai passar mais depressa do que pensas, Kurti!

O rapaz calou-se. De mãos cravadas nas barras de metal branco da amurada, fixou os olhos nas vagas sombrias que iam vogando pelo corpo do navio.

– Acho que estou outra vez a ficar enjoado – murmurou. Paul conseguiu finalmente sair do ânimo depressivo que não o queria largar há dias e que hoje se convertera numa dolorosa angústia.

– Ora essa, desta vez não vais passar mal – considerou, afagando o cabelo escuro do rapaz. Era encaracolado e macio, Kurt herdara o bonito cabelo de Marie.

– Vou, sim – teimou Kurt. – Daqui a nada vou vomitar.

– Vamos descer para a cabina – sugeriu Dodo. – Vamos abrir os presentes que a mamã nos deu.

A distração funcionou: Kurt assentiu com a cabeça e pegou na mão da irmã mais velha, que o conduziu para a porta por entre os passageiros parados em volta.

– Eu já vou ter convosco – gritou-lhes Paul. – Só preciso de apanhar mais um pouco de ar fresco...

Presumiu que eles já não o teriam ouvido, pois seguiram caminho sem se voltar. Não insistiu. Era uma bênção ter Dodo a cuidar tão carinhosamente do irmão mais novo, sempre ampararia um pouco a dor do rapaz após a separação e dava-lhe também a ele a oportunidade de recuperar o seu equilíbrio interior.

Era a segunda vez que visitava Marie e Leo em Nova Iorque. Já se haviam passado dois anos desde o primeiro reencontro, na altura viajara sozinho; Kurt tinha de ir à escola e Dodo frequentava um colégio interno na Suíça. Nessa altura, regressara à Alemanha muito esperançoso, plenamente convencido de que o tormento da separação em breve chegaria ao fim e que Marie, mais dia menos dia, acabaria por regressar à Alemanha. Não conseguia entretanto compreender aonde fora buscar tal otimismo. Já nessa altura eram claros os indícios de um futuro opressivo em território alemão, mas ele simplesmente não o quisera ver. O reencontro com Marie ofuscara tudo o resto. Os poucos dias de absoluta felicidade que desfrutaram juntos no pequeno apartamento ou a caminhar no Central Park, em passeios fora da cidade e junto à costa, passaram como que a voar. Depois de um breve acanhamento inicial, voltara a instalar-se a sua vibrante paixão, tão semelhante à daquele tempo em que se conheceram pela primeira vez. Este sentimento de exaltação conduziu-o à certeza absoluta de que nada nem ninguém os poderia separar. Nem a civilização diferente da deles, nem o gigantesco Atlântico, e muito menos

Adolf Hitler, que mais cedo ou mais tarde acabaria por desaparecer como uma maldita aparição.

Como se enganara! Malévolo e inexorável, o tempo laborara contra eles, mantendo-os sempre cada vez mais afastados. Nos últimos dois anos, haviam comunicado assiduamente por carta. Nesta segunda visita, ele sabia que Marie geria entretanto a sua própria loja de moda, com a qual ganhava tanto que lhe fora possível assumir uma parte considerável das despesas com o colégio interno de Dodo. A sua alegria com o êxito de Marie, contudo, fora sincera apenas em parte, pois sabia quem lhe vendera a loja e a apoiara financeiramente no início: Karl Friedländer, o sempre simpático e jovial acompanhante da sua mulher, que se apresentava sempre tão cortês e amável, mas que – sim, era assim mesmo, não havia outra forma de o dizer – lhe roubara a sua amada mulher. Certíssimo, Marie era-lhe fiel, não dormia com aquele homem, sabia isso. E, no entanto, Karl, como ela o tratava, tinha na sua posse tudo aquilo que compunha uma parte infinitamente grande do seu amor com Marie: as conversas em confidência, os encontros diários, os olhares cúmplices, o seu sorriso, a sensação de se pertencerem um ao outro, de serem um para o outro. Nem sequer queria mencionar as ajudas financeiras que Marie teria alegadamente pago de volta. Karl Friedländer usufruía do privilégio de poder estar ao lado de Marie, algo que lhe estava vedado a ele, o seu marido. Nem sequer tinha a possibilidade de expressar a sua irritação em relação a isso, não, tinha de encerrar a fúria e o ciúme dentro do coração e simular gratidão diante daquele homem.

Nesta segunda visita, tudo isto lhe passara diante dos olhos com uma clareza aflitiva, mas não era a única coisa que lhe pesava na alma. Era o esmorecer da esperança de que este estado de coisas terminasse em breve.

As profecias de Robert haviam-se concretizado da pior forma. Apesar de, num primeiro momento, se ter ainda concedido aos judeus o direito de gerir negócios, sendo-lhes vedadas apenas algumas profissões, entretanto também isso já assim não era. Desde os medonhos acontecimentos de novembro do ano passado, quando em todas as

idades alemãs foram incendiadas sinagogas e homens judeus foram levados em massa para os campos, tornou-se definitivamente evidente a intenção do Estado nazi: a privação de direitos e a expulsão de todos os judeus que ainda tivessem restado na Alemanha. De cabeças rapadas e pânico nos olhos, foi assim que os judeus de Augsburg regressaram dos campos. Quase todos decidiram então emigrar, mas Robert contara que o Estado exigia montantes elevados para saírem do país, pelo que, se se fossem embora, só lhes restaria pouco mais do que a sua pobre vida. Continuava a acreditar que Marie, como sua mulher, teria sido protegida de ser assediada, mas já nem sequer abordara o assunto nesta visita.

De repente, sentiu frio. Abotoou o casaco, que adejava ao vento. Os passageiros que estavam antes a seu lado na amurada a ver o continente a desaparecer haviam-se espalhado pelo convés; muitos, a tremer de frio, haviam-se refugiado nas cabinas, outros envolveram-se com mantas e instalaram-se comodamente nas espreguiçadeiras. Paul voltou a inspirar fundo, saindo então também ele do convés para cumprir a promessa e ver de Kurt e Dodo. Viajavam em segunda classe. Ele próprio partilhava uma cabina exterior com Kurt, Dodo dormia com uma jovem espanhola numa cabina interior menos luxuosa, mas que a ela – pelo menos era o que dizia – não fazia grande diferença.

– Para o nosso Kurti é fenomenal poder estar na cama a olhar para o mar – dissera. – A mim não me importa, se quiser ver o mar, vou até ao convés.

É claro que a sua filha adulta – Dodo tinha vinte e três anos – sabia que esta viagem não era propriamente barata. De início, nem sequer quisera viajar, pois a família já pagara tanto dinheiro com o seu exame do liceu no colégio suíço. Mas, por fim, Paul conseguira convencê-la, já que Marie e, sobretudo, Leo ansiavam tanto, e há tanto tempo, o seu reencontro.

Foi encontrar Dodo e Kurt na cabina exterior, no meio de uma montanha de caixas e papel de embrulho. Marie fora generosa nas compras para o seu mais novo, também Leo lhes dera um presente e, como é evidente, também o inevitável Karl dera a sua contribuição.

Kurt estava sentado no chão, feliz, e experimentava os novos carros de corrida que corriam por ali sozinhos como flechas, sem ser preciso dar à chave. Em casa, na Vila dos Tecidos, Paul construía com o filho uma pista de corridas de madeira para os carros de lata, que ocupava quase todo o quarto das crianças. Só podia aí utilizar os caros carros-modelos de lata, os exemplares de borracha maciça que volta e meia lhe ofereciam estavam bem arrumadinhos em fila na prateleira a apanhar pó.

– E então, aproveita-se alguma coisa? – indagou Paul com uma alegria fingida.

– O *Mercedes* já tenho – murmurou Kurt. – Mas não faz mal nenhum ter agora dois flechas de prata. Este é um carro *Union Tipo D*, é completamente novo, papá. Foi o Leo quem mo deu. E do Karl recebi uma bomba de gasolina. Olha só! Dá mesmo para pegar na mangueira e abastecer.

– Infelizmente, é preciso pagar em dólares e cêntimos – escapou a Paul, depois de passar os olhos pelas inscrições americanas do colorido brinquedo de lata.

– Isso não faz mal, papá. Ainda nos sobraram dólares, não foi?

– Nesse caso, eu posso abastecer-me desde já contigo – retorquiu Paul.

– E eu também! – entrou Dodo na brincadeira. – Quando tiver o meu primeiro carro.

Haviam oferecido a Kitty o pequeno carro de Marie, que Dodo conduzira durante algum tempo, pois o seu «carrito» dera definitivamente o último suspiro, para sua grande aflição. A tia Elvira abrira uma conta-poupança em nome de Dodo para a aquisição de um dos novos *Volkswagen*, que estaria em breve disponível por 998 marcos. Depositava-se 5 marcos todas as semanas e, quando tivessem juntado mais de 700 marcos, podiam integrar a lista de espera. A fábrica da Volkswagen queria já começar a entregar os primeiros carros para uso de todos.

– Um dólar por um litro de gasolina! – estabeleceu Kurt por sua alta recreação.

– O quê? – exclamou Dodo. – Isso é uma exorbitância! Um litro custa trinta e nove *pfennig* e já é caro o suficiente!

– Na minha bomba custa um dólar – teimou Kurt, obstinado, agarrando no seu novo flecha de prata para o passar por cima dos sapatos de Paul.

– Vrrrrrrummm!

Enjoo de alto-mar, nem vê-lo. Paul ficou aliviado, acenou a Dodo a sua gratidão e propôs-se arrumar as caixas e o papel de embrulho. Dentro do grande baú de porão estavam outros presentes, destinados a Kitty, Henny e Robert, Gertrude, Tilly e a sua família, Lisa e os seus filhos e, não menos importantes, os empregados da Vila dos Tecidos. Paul começara por se recusar a levar consigo todos aqueles embrulhos, receando que lhe pudessem cobrar o couro e o cabelo na alfândega, mas não aguentou ver o semblante desiludido de Marie e cedeu. Afinal de contas, era uma prova da sua estreita ligação à família e à Vila dos Tecidos – porque haveria ele de se opor?

Sentia-se, entretanto, um pouco melhor, o doloroso momento da separação de Marie não estava, na verdade, ainda superado, mas sentia-se capaz de o pôr de lado. Haviam-se despedido no seu apartamento, as malas já feitas, lá em baixo o táxi amarelo estava já à espera para os levar, ele, Dodo e Kurt, para o porto. Marie estava já vestida para sair para a sua *shop*, cheirava a um perfume americano e, para ele, subitamente, era outra pessoa e não a Marie com quem, naquela última noite juntos, ele dormira arrebatado de paixão e num abraço forte.

– Até ao nosso reencontro, meu amor – sussurrara-lhe ela ao ouvido. Ele beijara-a, mas não conseguira responder.

Quando se voltariam a ver? Ninguém o podia prever, já que a Alemanha rumava inexoravelmente para uma guerra. Paul sabia o que isso significava, fora soldado na Primeira Guerra Mundial.

Ajoelhou-se no chão para brincar ainda um pouco com Kurt, a seguir almoçariam na sala de refeições da segunda classe e, se Kurt mais tarde continuasse a ser poupado aos enjoos, queria ir explorar o navio com ele e talvez também jogar algumas partidas de *shuffleboard*. O rapaz era tudo o que lhe restava: o seu filho, que revelava desde já excepcionais aptidões para ser um bom engenheiro e – assim quisesse Deus – um dia daria continuidade à sua fábrica. Marie respeitou a sua decisão de

deixar ficar Kurt na Alemanha, apesar de o pequeno e os seus dois irmãos serem considerados «judeus mestiços». Ela não abordara o assunto durante a visita e, mesmo quando, naquela manhã, Kurt se lamuriara, dizendo que preferia ficar com a mãe, ela sossegara o rapaz na sua maneira sensata e amável.

– O que vai então acontecer ao *Willi* se não voltares para ele?

Willi era o grande e feio cão castanho que, na verdade, pertencia a Liesl, mas que era o companheiro preferido de brincadeiras de Kurt. Com efeito, o argumento produziu o seu efeito. Kurt olhara para Marie de olhos assustados e dissera:

– Tens razão, mamã. Não posso de maneira nenhuma deixar o *Willi* sozinho.

Paul não se fixara no insulto que subjazia àquela troca de palavras. Seria ridículo achar que um cão era mais importante para o filho do que o próprio pai. O rapaz não tinha capacidade para compreender o alcance deste tipo de afirmações.

Ao almoço na sala de refeições da segunda classe, reinava a boa disposição geral, elogiava-se o conforto do *Bremen*, que oferecia aos passageiros das duas classes superiores, além da comodidade das cabinas e das boas refeições, também algum entretenimento. Além do mais, chegariam à Europa em menos de cinco dias, mais rápido era apenas um barco a vapor francês cujo nome ainda ninguém conhecia. O *steward* indicou-lhes uma mesa onde já estavam sentadas duas senhoras de meia-idade, que seriam as suas convivas à mesa durante o resto da viagem. Apresentaram-se mutuamente; as senhoras chamavam-se Ingeborg Hartmann e Eva Kühn, eram irmãs, ambas viúvas, vieram de Hamburgo e haviam visitado o irmão, que emigrara anos antes e era proprietário de uma grande quinta no Wisconsin.

– E tu chamas-te Kurt? – perguntou a senhora Hartmann, a mais velha das companheiras de mesa, sorrindo maternalmente ao rapazinho de treze anos.

– Hum... sim... – disse Kurt. Fitava, fascinado, os incisivos superiores da senhora, que ainda antes, por um breve momento, se haviam soltado da mandíbula.

– És um rapazinho mesmo bonito – disse a senhora Hartmann, que, ao que parecia, não reparara de todo no acidente com a própria dentadura. – As nossas duas sobrinhas têm doze e treze anos, elas iam gostar de ti.

– Gostam de carros de corrida?

– Isso já não sei. Mas sabem as duas montar e a Lizzy, a mais velha, já sabe conduzir um trator.

Esta última informação deixou Kurt impressionado. Um trator, como volta e meia se via nos campos nos arredores de Augsburg, era coisa que ele também gostaria um dia de conduzir.

– Eu também sei montar – respondeu ele, taciturno.

– Olha que bem! – disse a senhora Kühn, a irmã mais nova, e virou os olhos para Paul, que tratava de comer a sopa de tomate. – Tem seguramente uma propriedade grande, senhor Melzer, para poder manter cavalos? – Paul conhecia aquelas expressões dos olhos atentos das senhoras solteiras. Já na viagem de ida reparara que fora alvo de curiosidade, pois viajava sem mulher, mas em compensação levava um filho pequeno e uma filha adulta. Era abordado por senhoras de diversas idades, ofereciam-lhe elogios, demonstravam-se recetivas e até coquetes, e, no serão em que houve baile, no qual participara na verdade apenas por causa de Dodo, foi difícil ver-se livre de uma qualquer encantadora companhia feminina. O ataque só amainou quando Dodo lhe gritou em manifesto alto volume: «Mas que pena a mamã não estar aqui connosco, não é, papá? Ela teria adorado estar aqui esta noite!»

Ele não se zangara com a filha, divertira-o na verdade a sua irritação diante das insistentes senhoras. Afinal, com os seus cinquenta anos, tinha ainda bastante bom aspeto, fazia boa figura de fato e a meia dúzia de madeixas grisalhas nas têmporas mal se notava no seu denso cabelo louro.

Também agora, ao almoço, Dodo interveio na conversa antes de ele ter a oportunidade de responder àquela pergunta imbuída de curiosidade.

– Os meus pais têm uma fábrica de tecidos em Augsburg, minha senhora. Os cavalos pertencem à minha tia-avó, mas ela já deixou de fazer criação e reformou-se.

– Oh, mas que interessante – observou amavelmente a senhora Kühn, mexendo com a colher a sua malga de sopa. – Em criança, eu também montei de vez em quando, porque o nosso avô tinha uma exploração agrícola e tinha cavalos. Ah, sim, eram sempre férias maravilhosas para nós as duas, não eram, Ingeborg?

A irmã assentiu com o seu sorriso sonhador e indagou se a senhora sua mãe também sabia montar.

– Não. É estilista de moda e cria vestidos de noite.

– Mas que prático – observou a senhora Hartmann voltando-se para Paul. – O senhor produz os tecidos e a sua mulher faz vestidos com eles. É o que se pode chamar de negócio familiar.

Limpou os lábios dando toquesinhos com o guardanapo e atirou desleixadamente o pano usado para cima da malga de sopa vazia.

– É isso mesmo – apressou-se Paul a responder. – Lá em Augsburg temos uma mentalidade económica. Soube-lhe bem a sopa, minha senhora?

– Oh, enfim, é de lata. Com ingredientes frescos é toda uma outra coisa.

Kurt também não estava entusiasmado, pois a sopa estava polvilhada de salsa e fora difícil não levar aquelas coisas verdes à boca. Já depois comeu com grande apetite o guisado de galinha, só uma vez disse a Dodo que na Vila dos Tecidos saberia ainda melhor. Paul sorriu, satisfeito, e deslizou a sua sobremesa para a frente dele: creme de chocolate com natas. No entanto, a dose era tão pequena que caberia bem num copo de aguardente.

– Espero que nos possamos encontrar esta noite – disse a senhora Kühn com um sorriso afável. – Está prevista uma apresentação muito interessante sobre a «Ordem Alemã». – Paul já vira o cartaz. Nele lia-se: «A Ordem Alemã – Precursores da Presença Alemã no Leste.» A palestra seria apresentada por um tal de P. G. Breitenbach, cujas qualificações para falar sobre o tema não eram evidentes. Seria provavelmente uma das iniciativas de propaganda habituais dos nacionais-socialistas. Estava com pouca vontade de ouvir disparates.

– Receio bem que não possa assistir, minha senhora – respondeu ele, cortês. – Prometi ao meu filho que íamos jogar às cartas.

– Mas talvez a menina sua filha pudesse assumir essa tarefa – considerou a senhora Kühn, que ainda não perdera a esperança de travar um conhecimento mais próximo.

– A menina sua filha – disse Dodo com uma ênfase enérgica – tem os seus próprios planos para hoje ao serão, minha senhora.

Pôs-se então de pé, acenou majestosamente com a cabeça na direção das consternadas senhoras, sorriu alegremente na direção de Paul e foi-se embora. Paul aproveitou a ocasião para também se despedir e levar Kurt consigo.

No *shuffleboard*, Kurt encontrou um rapaz de quinze anos de Bremen para ser seu parceiro, dando assim a oportunidade a Paul de se sentar numa das cadeiras ali dispostas a observar o jogo. Kurt não se saía nada mal, levava o seu tempo, media a distância a olho, fazia descontraidamente pontaria e, se ainda assim o disparo falhasse, refletia sobre qual teria sido a causa. Paul gostava desta atitude. Também na escola Kurt mostrava que era capaz de se concentrar num problema, analisava em profundidade e não se deixava dispersar. Depois das férias da Páscoa, passaria a frequentar o décimo ano no Liceu de Santa Ana, as suas prestações foram de boas a excelentes. Sobre tudo em Cálculo superava de longe os colegas, todos os professores o confirmavam. A única mancha no currículo era a tendência que Kurt revelava para a teimosia. Já por várias vezes acontecera ele recusar-se a colaborar numa aula simplesmente por estar zangado com um castigo que, na sua opinião, fora injusto. Ficava então sentado no banco da carteira de braços cruzados, obstinadamente calado. Preocupava Paul que, um dia, isto pudesse dar azo a que, apesar do bom desempenho, o viessem a expulsar do liceu. Não se podiam dar ao luxo de esquecer que a mãe de Kurt era judia.

Os seus pensamentos voltaram espontaneamente a saltar para trás, vogaram em círculos em torno do que vivera nas últimas duas semanas. O seu filho mais velho, Leo, tornara-se num perfeito desconhecido! O rapaz fechado e inseguro que viajara com Marie para Nova Iorque quatro anos antes transformara-se num homem adulto, tornara-se determinado e estabelecera-se profissionalmente. Era um jovem americano, vestia-se

como um americano, trazia o cabelo cortado segundo a última moda de Nova Iorque e fazia-se compreender sem esforço nenhum por qualquer pessoa com quem se cruzasse na rua – quer fosse negro, branco ou asiático. A sua grande vocação para a música, que Paul durante tantos anos desdenhara como uma coisa que não servia para nada, era agora a sua profissão. Leo dirigia uma orquestra privada, tinha muitos espetáculos e, por fora, compunha para cinema, o que rendia um bom dinheiro. Para poder trabalhar sem perturbações – assim dizia ele –, arrendara um pequeno apartamento, onde também passava a noite de quando em vez. Como é evidente, este apartamento funcionava sobretudo como o seu ninho de amor, já que Leo tinha uma namorada, uma bailarina chamada Richy, que ele apresentara ao pai, como quem não quer a coisa, como «*my sweetheart*». Não parecia haver planos de casamento, o que também Marie achava estranho, mas Paul não tinha intenção nenhuma de apelar à consciência do filho nesta matéria. Não se sentia nesse direito. Paul estava dividido em relação à rapariga. Era lindíssima, esguia, de feições típicas de países do Sul, o cabelo negro de azeviche e olhos escuros que faiscavam uma centelha de desafio. Como homem, achava-a absolutamente fascinante, também ele se teria provavelmente apaixonado por ela se tivesse a idade de Leo. Como pai, todavia, tinha as suas reservas, pois Richy tinha tanto de beleza quanto de ambição. Estava neste momento desempregada, pois a companhia de dança a que pertencia fora encerrada. Era coisa que acontecia amiúde em Nova Iorque, pois havia muitas organizações culturais privadas que tinham de se financiar a si mesmas, muito mais do que na Alemanha. Em caso de falência, os artistas ficavam infelizmente a ver navios, iam parar ao meio da rua e tinham de procurar arranjar-se de outra forma. Richy tinha várias audições marcadas e pareceu a Paul que andava nervosa e sensível, o que também afetava Leo.

Mas sobretudo Dodo. O reencontro dos irmãos, que de início fora muito caloroso, sofrera uma reviravolta desfavorável sem dúvida devido a Richy. Nem ele nem Marie tiveram conhecimento do que aconteceu exatamente, mas era certo que Dodo não se entendeu com Richy e que Leo, por fim, se pusera do lado da namorada e contra a irmã. Dodo

ficara profundamente magoada e cortara o contacto com o irmão. Passara os últimos dias no Ateliê da Moda de Marie, encontrara-se ainda algumas vezes com Walter Ginsberg, que ficara muito contente por voltar a vê-la e partilhava plenamente da sua opinião acerca de Richy. Tal como Marie, Walter também tentara convencer Dodo a solicitar a nacionalidade americana e a estudar nos EUA. Mas Dodo rejeitara. Não, queria ficar na Alemanha, tinha a esperança de conseguir uma vaga na Escola Superior Técnica de Munique, onde queria estudar Engenharia Aeronáutica. Entrara em contacto com o engenheiro Willy Messerschmitt, com quem estagiara em Augsburg, e este prometera dar uma palavra a seu favor.

– Tu sabes para que é que são construídos os aviões na Alemanha! – apelara Marie à sua consciência. – Caças destinados a ser usados na guerra.

Mas Dodo demonstrara-se obstinada. Sim, estavam a ser construídos sobretudo aviões de guerra, isso era verdade. Mas também máquinas para a aviação civil e aviões desportivos.

– A Alemanha não é diferente dos outros países – alegava ela. – Não me digas que nos EUA não constroem caças.

Paul estava na verdade contente por Dodo ter feito a viagem com ele e Kurt, mas receava bem que, em última análise, acabaria por se decidir pelos EUA, pois não tinha assim tanta fé de que Willy Messerschmitt tivesse influência suficiente para que uma jovem de ascendência judia ingressasse num curso de Engenharia Aeronáutica. Mesmo sabendo que, na aparência, Dodo era o tipo de mulher a que os governantes da Alemanha davam preferência: cabelo louro e olhos azuis, além de ser muito magra e, com o cabelo curto e encaracolado, quase podia passar por rapaz. Mas o mais provável seria que muito em breve perdesse também a filha Dodo para os EUA.

A plena consciência de que o futuro dos seus gémeos já não residia no seu país natal, a Alemanha, mas antes na América, era mais do que amarga. Os nazis rasgaram a sua família em duas, roubaram-lhe a sua amada mulher e expulsaram os seus filhos do país. O que restava sequer? Porque é que voltava para Augsburg?

Era a fábrica, o legado do seu pai. E ainda um punhado de gente querida que o esperava em casa. E o seu filho mais novo, no qual repousavam todas as suas esperanças.

– Ganhei três vezes! – A voz alta de Kurt arrancou-o da sua meditação. – O Martin só ganhou duas vezes e é mais velho do que eu. Posso mostrar-lhe os meus carros, papá?

Como são descontraídas as crianças, pensou Paul. Brincam, competem, vivem o aqui e agora. Eu devia seguir o seu exemplo e não passar tanto tempo a cismar. É preciso aceitar as coisas como são, superar o dia a dia, resolver os problemas e seguir em frente. Seguir sempre em frente. Enquanto tivermos forças.

– É claro que sim, Kurt. Mas primeiro têm de pedir autorização aos pais dele.

– Está bem, papá...

Martin revelou-se um amável camarada de brincadeiras, admirando o notável parque automóvel de Kurt e dando provas de ser um solícito gasoleiro. Paul ficou algum tempo a ver os dois a brincar, mas depois sentiu necessidade de respirar um pouco de ar fresco e aproveitar para ver de Dodo. Foi encontrá-la no convés no meio de um grupo de jovens, com quem discutia animadamente. Pareciam entender-se bem, volta e meia ouviam-se risos, escutando-se claramente a voz aguda de Dodo acima das outras. Fez-lhe um curto aceno e foi até à amurada, inspirou fundo e deixou que a vigorosa brisa marítima lhe soprasse no rosto. O céu estava quase desprovido de nuvens, apenas alguns véus delicados vogavam lá muito no alto, não impedindo a passagem do intenso sol de abril. A luz refletia-se reluzente nas ondas azul-esverdeadas, sentia-se o zumbido uniforme e a ligeira vibração das turbinas e, por momentos, Paul encheu-se de admiração por aquele grande navio, aquela obra-mestra da tecnologia moderna, que fazia a sua travessia solitária no infinito Atlântico rumo à Europa.

– É isso mesmo – ouviu uma voz masculina não muito longe. – O Leste foi povoado por alemães desde tempos imemoriais. Por isso, é apenas legítimo e justo se em breve a cidade de Danzig se libertar dos direitos portuários dos polacos e passar a ser alemã, como exigiu o *Führer*...

Aquele seria provavelmente o tal de Breitenbach, que naquela noite faria a sua palestra, ou então alguém que pensava como ele. Paul virou discretamente o olhar e discerniu a senhora Hartmann e a irmã à conversa com dois senhores.

– A paisagem da Polónia é muito bonita – observava agora a senhora Kühn. – Estivemos no ano passado a visitar um conhecido que lá tem uma quinta.

– Sem dúvida – retorquiu cortesmente um dos senhores. – É um belo país. O polaco também tem o seu valor. Simplesmente, é lamentável o país estar cheio de judeus, minha senhora. Uma tragédia! Dominam o comércio, o sistema financeiro e, naturalmente, também intervêm no governo.

– Oh, a sério? Não fazia ideia...

– Bom, no nosso país, graças a Deus, o *Führer* tratou de nos livrar das tramoias dos judeus. Mas países como a Polónia e a Hungria teriam antes de mais de levar uma limpeza profunda...

Paul conhecia aqueles discursos, que agora eram proferidos publicamente em todo o lado e diante dos quais era melhor ficar calado, pois qualquer contraditório parecia ser desprovido de sentido.

– Oh, realmente – ouviu-se a senhora Hartmann num suspiro. – Os judeus são o nosso infortúnio, isso já toda a gente sabe. E no entanto... também existem judeus simpáticos, não é, Eva? O teu velho professor da escola, por exemplo, que lutou tão empenhadamente pelo imperador e pela pátria na Primeira Guerra Mundial e voltou para casa só com uma perna...

– São exceções raras – cortou-lhe a palavra a voz masculina. – No que diz respeito à questão judaica, não podemos entregar-nos a qualquer tipo de sentimentalismo. Não existem judeus bons nem judeus maus. Um judeu é um judeu. E os judeus têm de ser expulsos da Europa!

– Tem seguramente razão – suspirou a senhora Kühn. – O nosso pai pediu em tempos dinheiro emprestado a um banqueiro judeu. E, imagine só, quando ele já não conseguia pagar as prestações, o judeu ficou-lhe com a casinha...

– Está a ver, minha senhora. Os judeus são assim. São todos uns trapaceiros!

– Oh, estamos desejosas de ouvir a sua palestra, senhor Breitenbach...

Paul virou as costas e dirigiu-se para o outro lado do convés, passeou algum tempo para trás e para diante, inquieto, parando depois para observar os jovens a jogar *shuffleboard*, sentindo a depressão a pousar em cima da sua cabeça como uma pesada nuvem.

Porque não se virara para contestar aquelas palavras? Porque não defendera sinceramente e com coragem a sua opinião? Porque se calara cobardemente?

Por medo. Pelo filho. Pela fábrica. Pelas pessoas que amava.

Durante a noite, o mar embraveceu e ele debateu-se até de madrugada com um enjoo martirizante que não o atacara na viagem de ida.